

GENOCÍDIO E SUICÍDIO NA FICÇÃO DE MICHEL LAUB

LARA LUIZA OLIVEIRA AMARAL (DOUTORANDA)
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/CAPES)
Campinas, São Paulo, Brasil
(laraluizaoliveira@gmail.com)

RESUMO: Há uma diferença entre “viver” e “sobreviver”, tanto quanto entre “viver” e “morrer”. A partir de dois romances do escritor brasileiro contemporâneo Michel Laub (*A maçã envenenada* (2013) e *Diário da queda* (2011)), nos propomos a interpretar a ambiguidade entre escolher viver e escolher morrer, entre suicidas e sobreviventes de períodos de genocídio da história. Longe de alcançar qualquer resposta objetiva, temos como proposta a análise da ideia de sobrevivência a partir de personagens, e eventos históricos, abordados pela ficção de Laub. Para tanto, nos pautaremos em estudos acerca de períodos genocidas e seus sobreviventes, tais como Mbembe (2011) e Kilomba (2008), além de pesquisas sobre a morte voluntária, como Alvarez (1971) e Styron (1989), entre outros estudos complementares.

Palavras-chave: Genocídio. Suicídio. Literatura Brasileira Contemporânea. Michel Laub.

Artigo recebido em: 15 maio 2021.
Aceito em: 17 jun. 2021.

AMARAL, Lara Oliveira. Genocídio e suicídio em Michel Laub. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 1 (2021), p. 148-171.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 07 ago. 2021.

GENOCIDE AND SUICIDE IN MICHEL LAUB'S FICTION

ABSTRACT: There is a difference between “living” and “surviving”, as much as between “living” and “dying”. Departing from two novels by the contemporary Brazilian writer Michel Laub (*A maçã envenenada* (2013) and *Diário da queda* (2011)), we propose to interpret the ambiguity that lies between choosing to live and choosing to die, between suicides and survivors of genocide periods in history. Far from achieving any objective answer, we intend to analyze the idea of survival in characters, and historical events, covered by Laub's fiction. To achieve this purpose, we will draw on studies about genocide periods and its survivors by Mbembe (2011) and Kilomba (2008), as well as on research about voluntary death by Alvarez (1971) and Styron (1989), among other complementary studies.

Keywords: Genocide. Suicide. Contemporary Brazilian Literature. Michel Laub.

“Por que um ser vivo deveria querer morrer?
E por que deveria querer viver? Por que deveria sempre querer viver?”
(*Rumo ao Ocidente*, Primo Levi)

OS LEMINGUES

Walter e Anna assistem a um grupo de lemingues¹ se atirar da encosta em direção à morte. O “suicídio coletivo”² de uma espécie os leva ao diálogo trazido na epígrafe: “Por que um ser vivo deveria querer morrer? E por que deveria querer viver? Por que deveria *sempre* querer viver?”, até que Anna chega à resposta mais comumente aceita entre a espécie humana: “Estamos vivos

¹ Lemingues são pequenos roedores que habitam regiões extremamente frias.

² A ideia de “suicídio coletivo” dos lemingues é bastante controversa. De acordo com a matéria publicada no *El País* em 2017, foi o documentário *White Wilderness* que popularizou o “mito suicida” da espécie (que, vale a ressalva, já existia desde 1530 através das anotações do geógrafo Zeigler). O que ocorre é que, com o aumento da reprodução descontrolada, e as migrações incessantes em busca de alimento, muitos destes animais morrem. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/02/ciencia/1483349391_822433.html>.

porque queremos viver. É uma propriedade da substância vital; eu quero viver, não tenho dúvida. A vida é melhor do que a morte, isso me parece um axioma” (LEVI, 2005, p. 154). Os personagens de Primo Levi retratam o instinto de sobrevivência que sobressai em qualquer discussão a respeito da morte (voluntária ou não): “cada um de nós, humanos, (...) tudo o que é vivo, luta para viver e não sabe o porquê. O porquê está inscrito em cada célula, mas numa linguagem que não sabemos ler com a mente; mas podemos lê-la com todo o nosso ser, e obedecemos à mensagem com o nosso comportamento” (LEVI, 2005, p. 154). Os lemingues, contudo, não escutaram a mensagem. Primo Levi também não³.

A explicação de Walter é que “sobrevivem as espécies em que a mensagem é gravada mais fundo e mais claro, as outras se extinguem, se extinguiram. Mas até naquelas em que a mensagem é clara pode haver lacunas” (LEVI, 2005, p. 154), e é sobre tais lacunas, sobre a “mensagem” gravada profundamente, ou não, que nos pautaremos a seguir. Com base em dois romances do escritor brasileiro contemporâneo Michel Laub, discutiremos uma possível relação entre genocídio e suicídio, seja como fatores interligados pela consequência, seja simplesmente pelo “acaso” da narrativa e suas interpretações possíveis.

Laub articula as narrativas de *A maçã envenenada* (2013) e *Diário da queda* (2011) a partir de um diálogo entre eventos históricos, suicídios e tragédias ficcionais. Invertendo a ordem da trilogia⁴, analisaremos inicialmente *A maçã envenenada*, frisando a dualidade existente entre a sobrevivente do massacre de Ruanda, Immaculée Ilibagiza, e o astro do rock suicida Kurt Cobain. Em *Diário da queda*, genocídio e suicídio atuam em um único personagem: o avô. Sobrevivente da Segunda Guerra Mundial, ele comete suicídio anos após ter saído de Auschwitz. A questão que paira entre os dois textos de Laub é a mesma que Walter faz a Anna: por que um ser vivo deveria querer viver? Sobre-viver, para o autor brasileiro, atinge um ponto para além do conceito de simplesmente “não morrer”, o termo volta-se para o sujeito (e seus leitores): por que continuar?

³ Apesar das controvérsias que pairam acerca da causa da morte de Primo Levi, entenderemos aqui, como foi apontado no momento de sua morte (e conforme a informação sobre o autor na edição utilizada), que ele cometeu suicídio: uma queda proposital no vão da escada.

⁴ A trilogia é composta por: *Diário da queda* (2011), *A maçã envenenada* (2013) e *Tribunal da quinta-feira* (2016). Neste trabalho, contudo, nos pautaremos apenas nos dois primeiros volumes.

“A VIDA É MELHOR DO QUE A MORTE”

O romance *A maçã envenenada* inicia com a seguinte frase: “Um suicídio muda tudo o que seu autor disse, cantou ou escreveu” (LAUB, 2013, p. 7). De fato, seja como espetacularização *post mortem*, como estudo de caso para a psicologia, ou mesmo tema para crítica literária, o suicídio reconstrói a imagem do que foi o artista antes da morte. Ao decidir acabar com a própria vida, todas as informações que compõem a vida de Kurt Cobain passam a ser “um conjunto de sintomas, um espelho que aponta por meio de letras e versões desencontradas para uma cena nunca esclarecida, Lake Washington, abril de 1994, horas ou dias antes de um electricista descobrir seu corpo com um tiro de espingarda na cabeça” (LAUB, 2013, p. 7).

Se a fama de Kurt Cobain, direta ou indiretamente, deriva da influência de seu suicídio, a vida (e também fama) de Immaculée Ilibagiza não difere, em larga escala, das consequências de uma tragédia. Pertencente à etnia tútsi, Immaculée jantava em uma noite de abril de 1994 com sua família: “O irmão de Immaculée ouviu boatos sobre uma lista de execuções com o nome das famílias tútsis da área. (...) As rádios do governo comparavam os tútsis a baratas. Uma canção nas escolas defendia que elas fossem pisoteadas” (LAUB, 2013, p. 15-16). Daquele dia em diante, o massacre de Ruanda passa a ser, ao mesmo tempo, parte de sua experiência de morte em vida, como também aquilo que alimenta sua fama ao redor do mundo como sobrevivente.

Antes de darmos início ao paralelo suicídio-genocídio a partir das duas figuras elencadas por Laub, vale a retomada histórica do que foi o massacre em Ruanda, justamente pelo conhecimento até hoje limitado sobre o evento. Ruanda foi dividida em três diferentes etnias (hútus, tútsi e twa) pelos colonizadores alemães e belgas. Breno Fernandes, ao analisar o romance da escritora ruandesa Scholastique Mukasonga, ressalta a influência do racismo na origem do massacre: “Foram os alemães e belgas, afinal, que passaram a encarar os hütus e os tútsis como diferentes etnias, uma estratégia que ambicionava dividir e consequentemente enfraquecer o povo que se pretendia dominar” (FERNANDES, 2018, p. 138). A divisão entre hütus e tútsi se dava, basicamente, por características fenotípicas impostas pelos colonizadores à população: “o *modus vivendi* que engendrou o ódio entre hütus e tútsis foi uma imposição do invasor europeu” (FERNANDES, 2018, p. 135-136); consequentemente, “o racismo foi um dos pilares do *modus operandi* colonizador em Ruanda” (FERNANDES, 2018, p. 139).

A força colonizadora por trás do massacre nos leva aos estudos decoloniais e suas discussões acerca do poder exercido pelo Outro sobre os demais povos. Achille Mbembe, em *Necropolítica* (2011), parte da ideia de

biopoder de Michel Foucault para abranger o racismo existente nesses jogos de poder e dominação:

Na formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico – do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) “racismo” (MBEMBE, 2018, p. 17).

A proposta de Foucault, através das palavras de Mbembe, ilustra o massacre em Ruanda. A ideia de “censura biológica”, imposta pelos colonizadores, fomentou a destruição em massa entre um mesmo povo. A “política da morte” instaurada através de massacres e, conseqüentemente, genocídios, reduz corpos “à condição de simples esqueletos”; “corporidades vazias, sem sentido, formas estranhas mergulhadas em estupor” (MBEMBE, 2018, p. 60). No entanto, o massacre em Ruanda, para Mbembe, destoa de tal perspectiva, pois nele ocorreu uma “tensão entre a petrificação dos ossos, sua frieza (*coolness*) estranha, por um lado, e por outro seu desejo persistente de produzir sentido, de significar algo” (MBEMBE, 2018, p. 60-61). Basta pesquisar, sem muita dificuldade, as fotografias que ficaram: milhares de mortos pelas ruas, enquanto os demais, que fugiam com as poucas coisas que lhes restavam, caminham entre os pedaços de corpos e sangue. Havia uma necessidade de evidenciar a morte, por facões; os estupros, de crianças e mulheres; “manter diante dos olhos da vítima – e das pessoas ao seu redor – o espetáculo mórbido do ocorrido” (MBEMBE, 2018, p. 61).

Durante todo o terror que assolava o país, Immaculée Ilibagiza passou noventa e um dias em um banheiro, de mais ou menos um metro quadrado, com mais sete mulheres. Ao apresentar as condições em que (sobre)viveu Immaculée, Laub ressalta a comida escassa (trazida de dois em dois dias pelo pastor hûtu que as escondia), a descarga que só podia ser usada quando compartilhada com o banheiro ao lado, os quilos perdidos (de cinquenta e dois quilos iniciais, Immaculée saiu do banheiro com vinte e nove) e, por fim, a pior das conseqüências: “Toda a sua família, com exceção de um irmão que estudava no Senegal, foi assassinada nesse intervalo” (LAUB, 2013, p. 16-17).

Enquanto a África contabiliza um número exorbitante de mortos durante aquele abril de 1994, o mundo desolava-se com as teorias possíveis para o

suicídio de mais um artista a entrar para o “clube dos 27”⁵. O narrador-protagonista de Laub ressalta a dualidade entre as duas tragédias na mídia:

A guerra em Ruanda iniciou um dia depois da data oficial da morte de Kurt Cobain. (...)

De Ruanda eu fiquei sabendo dias, talvez semanas depois, e mesmo assim superficialmente, enquanto de Kurt Cobain eu li tudo: repórteres, editores, músicos, críticos e fãs em ensaios, depoimentos, entrevistas, perfis. Todo mundo tinha algo a dizer sobre o início em Seattle, a estreia com *Bleach* e como *Nevermind* abriu espaço nas FMs para uma estética que representava a chegada tardia do punk ao mainstream. Todo mundo tinha algo a dizer sobre a cena independente, as gravadoras, as rádios universitárias, o clipe de *Smells like teen spirit* que mudou a MTV. Todo mundo tinha um veredito sobre Kurt Cobain, uma tese sobre como ele incorporou o espírito de uma época esmagada pelo fim das utopias, sobre como uma geração pouco educada devolve a raiva ao emergir no fim dos anos Reagan, sobre o que era ser jovem numa América tomada por corporações, individualismo e falta de perspectivas, e como isso estava ligado à via-crúcis pessoal do cantor – sua ojeriza à fama e ao dinheiro, sua relação conturbada com Courtney Love, os boatos sobre divórcio e o fim iminente da banda, a heroína e o isolamento que culminou no fim daquele que definiria a si próprio como *triste, pequeno, sensível, pisciano homem de Jesus*. (LAUB, 2013, p. 17-18. Grifos do autor)

O próprio personagem evidencia sua falta de interesse no genocídio africano, provavelmente decorrente do distanciamento salientado pela imprensa ao abordar, com muito mais ênfase, a morte de Kurt Cobain. Todas as rádios disseram alguma coisa a respeito, as gravadoras publicavam notas, mas o silêncio continuava sobre os mortos em Ruanda. O artista chileno Alfredo Jaar, em uma obra chamada *Untitled (Newsweek)* (1994)⁶, uniu dezessete capas da revista estadunidense *Newsweek* durante os meses de abril a agosto, em busca de enfatizar o apagamento feito pela mídia do que acontece fora do círculo hegemônico. Em *Sair da grande noite* (2013), Mbembe considera a mídia como um meio de violência simbólica dúplice, pois ao mesmo tempo em que enfatiza a “violência da indiferença e da constituição de minorias”, também contribui

⁵ O termo se refere ao “mito” que circula no mundo da música a respeito da morte, normalmente aos 27 anos, de grandes artistas. A causa da morte normalmente está relacionada ao consumo excessivo de drogas, entorpecentes ou bebidas alcóolicas. Além de Kurt Cobain, outros nomes “participam” do clube: Jimi Hendrix, Amy Winehouse, Janis Joplin, Jim Morrison.

⁶ A obra pode acessada por meio deste link: <<https://kamelmennour.com/artists/alfredo-jaar/untitled-newsweek>>.

para a “violência inerente à produção de estereótipos e preconceitos racistas” (MBEMBE, 2014, p. 113). É o que Jaar expõe em sua coletânea de capas da revista estadunidense que exclui qualquer menção ao genocídio africano. Em uma matéria publicada na *Revista Cult*, Moacir dos Anjos levanta a questão que paira ao apresentar a obra de Jaar:

A mera descrição do trabalho de Alfredo Jaar sugere a necessidade de indagar as razões que fazem com que a morte violenta de tantos habitantes de um país do continente africano – ocorridas, ademais, em período tão curto – não seja assunto suficientemente importante para ser matéria de capa. (ANJOS, 2014, p. 3)

O ápice do silenciamento parece ser o momento em que, “Na décima sexta semana após o início do massacre, a chamada principal de capa é uma reportagem sobre a possibilidade de vida humana no planeta Marte, sugerindo que, para a revista, Marte está mais próximo dos Estados Unidos do que a África jamais vai estar” (ANJOS, 2014, p. 3).

Confirmamos o distanciamento entre o Ocidente e a África com uma simples constatação: é mais fácil identificar o planeta Marte do que encontrar Ruanda no mapa geográfico. Em “Onde está Ruanda no mapa? Decolonialidade, subjetividade e o racismo epistêmico do jornalismo” (2020), Márcia Veiga e Fabiana Moraes discorrem sobre o jogo midiático e sua influência na construção do racismo. De acordo com as autoras, o jornalismo se pauta no conceito de um “homem universal” (branco, heterossexual e masculinista), “que concomitantemente criou os que seriam seus desvios (Ruanda?)” e “organiza as relações de poder a partir das classificações dos sujeitos, culturas e geolocalização fundamentadas nas noções de humanidade que derivam das origens e marcadores sócio-étnico-geo-culturais do que se pensa como ‘sujeito universal’” (VEIGA; MORAES, 2020, p. 6-7). Dessa forma, é muito mais fácil, conforme salienta o protagonista de Laub, encontrar matérias sobre um artista do rock e seu suicídio⁷, do que sobre o massacre de pessoas destoantes da imagem pré-estabelecida pela mídia como “modelo”.

Outro ponto elencado pelas autoras é a influência da imprensa como propulsora do massacre: “somente os tutsis, afilados e esguios, tinham, por

⁷ Um ponto que, infelizmente, não será discutido neste trabalho, por falta de espaço, é a inconsistência existente entre o suicídio e o jornalismo. A mídia opta, quase sempre, por ocultar casos de suicídios. Acredita-se que a veiculação da morte (principalmente ao expor o método do suicídio) pode acarretar um “suicídio em massa”, engendrar o famoso “efeito Werther”, que teria se iniciado com a publicação clássica de Goethe. Tal pensamento, contudo, apenas alimenta o tabu acerca do tema e impede que discussões fundamentadas sejam realizadas para além de campanhas do “Setembro Amarelo” ou semelhantes.

exemplo, acesso à educação secundária. Movendo-se a partir dessas diferenças feitas estruturais, a imprensa ruandesa promove e instiga o conflito” (VEIGA; MORAES, 2020, p. 17). Ao dar mais direitos a uma etnia em detrimento de outra, a imprensa fomenta conflitos e divergências. Após o assassinato do presidente, e a constante veiculação de informações negativas acerca dos tútsis, o país explode em tragédia.

TUDO O QUE É VIVO LUTA PARA VIVER: POR QUÊ?

Enquanto o romance de Laub discorre sobre o relacionamento conturbado que o protagonista, então adolescente, manteve com Valéria, temos acesso, entre recortes, ao que seria o “presente” da narrativa, com todas as tragédias (incluindo o “suicídio” de Valéria e a tentativa de suicídio (ou acidente) do protagonista) sendo abordadas de outra maneira. Não mais um jovem que lê sobre Kurt Cobain nas bancas de jornais, o personagem, já adulto, coloca o genocídio de Ruanda e o suicídio do músico em diálogo, em busca da resposta para a pergunta que Walter fez a Anna naquele conto: por quê?

Uma forma de explicar o que aconteceu em abril de 1994: Kurt Cobain tinha esposa, uma filha de um ano e sete meses, dinheiro e fama por fazer de modo bem-sucedido aquilo que sempre gostou de fazer, além da possibilidade de abrir mão disso a qualquer momento e viver como quisesse, longe da imprensa, do público, na cidade que escolhesse, na casa que mandasse construir, cercado das pessoas de quem gostasse e com décadas de conforto material pela frente, e mesmo assim apertou o gatilho. Já Immaculée Ilibagiza entrou num banheiro de um metro e vinte e passou noventa e um dias comendo os restos trazidos pelo pastor, dormindo e usando a privada na frente de outras sete mulheres, e vendo as outras sete fazendo o mesmo, os ruídos e o metabolismo de cada uma, um rodízio de quem ficava de pé e quem dormia e quem chorava e quem ficava doente, e durante o período ela sabia ou imaginava que perderia a casa, a cidade, o país, a língua, a família e todas as referências que fazem uma pessoa ser quem é, mas em nenhum momento pensou em outra coisa que não sobreviver. (LAUB, 2013, p. 51-52)

De acordo com a própria Immaculée, foi a sua fé que lhe permitiu sobreviver. No seu livro-testemunho *Sobrevivi para contar* (2006), a autora ruandesa insere o que seria a “voz de Satanás”, durante os noventa e um dias naquele banheiro, tentando persuadi-la a desistir:

De que adianta pedir socorro a Deus? Olhe para eles lá fora... são centenas à sua procura. São uma legião, e você uma só. Você não pode sobreviver. Você não vai sobreviver. Eles já estão chegando dentro da casa, e andam pelos quartos. (...) vão achar você, estuprá-la, cortá-la, matá-la. (ILIBAGIZA, 2012, p. 80. Grifos nossos)

Ainda assim, ela saiu daquele banheiro, com todos os quilos a menos, a família dizimada, e iniciou sua pregação em diversos pontos do globo: “ela enterrou a família, foi embora de Ruanda, casou nos Estados Unidos, teve duas filhas, escreveu um livro e viajou o mundo sabendo que nunca seria convidada para falar sobre outro assunto senão os noventa e um dias que passou no banheiro”, e, como se não bastasse, “visitou o homem que matou seu pai, sua mãe e seu irmão, e pôs a mão no ombro dele, e entre dar algum alívio à culpa dele e abandoná-lo num horror ainda mais escuro optou por perdoá-lo” (LAUB, 2013, p. 59).

Kurt Cobain, por outro lado,

escreveu seu bilhete, atravessou a estufa, sentou sobre duas toalhas no terraço, tirou o gorro de caçador, fumou um cigarro, mais um gole de cerveja, mais uma dose de heroína preta mexicana logo acima do cotovelo, a última providência antes de encostar o cano da espingarda no céu da boca, e não sei se em algum desses momentos ele pensou no que seria o dia seguinte de Courtney Love. Não sei se ele lembrou que o disco da banda dela estava com lançamento marcado para aquela semana. E que pelo resto dos anos diriam que ela fez o marido se viciar, não o apoiou durante a desintoxicação, estava prestes a abandoná-lo na pior das condições em que um ser humano pode estar, e sem ela haveria chance de tudo terminar de outra forma. (LAUB, 2013, p. 59-60)

Ainda que soe quase como um julgamento, uma acusação do suicídio como uma atitude egoísta por parte de Kurt Cobain, Laub parece muito mais querer evidenciar as minúcias da tragédia em cada caso do que colocá-los sobre uma espécie de “balança moral” ou passível de justificativas. Enquanto o massacre fez com que Immaculée “renascesse” pela fé através da morte de milhares, o suicídio de Kurt espalhou caos e culpa para os seus familiares e amigos. A questão maior do romance reside exatamente neste impasse:

nenhum desses argumentos hipotéticos jamais seria entendido, porque a questão não era de lógica, um debate que deveria ser ganho de forma ponderada e racional, com os recursos da inteligência e da linguagem, e sim referente à pergunta: por que me submeter a isso? (LAUB, 2013, p. 67)

Instaura-se o dilema da sobrevivência: a voz de Satanás a atormentar Immaculée e a sua “força” de resistência; qualquer que tenha sido a voz ouvida ou não por Kurt, e sua obediência ou resistência ao apertar o gatilho.

A título de curiosidade, selecionamos dois estudos recentes publicados sobre *A maçã envenenada* e as possíveis interpretações desse diálogo entre suicídio e genocídio no romance. Para Felício Dias (2019), por exemplo,

há um caráter ético-político na obra de Laub, e é o de justamente reivindicar um sentido trágico à tragédia dos excluídos e questionar as forças ideológicas e midiáticas que delimitam, legitimam e constroem os eventos trágicos da contemporaneidade. (DIAS, 2019, p. 42)

Dias prioriza uma visão politizada da narrativa, articulando seus argumentos a fim de ver, em Laub, uma crítica da política da memória, da mídia e dos demais discursos hegemônicos. Já Leila Lehnen (2015) busca encontrar nas duas tragédias uma “explicação” para os problemas pessoais do protagonista, transformando-os em instrumentos hermenêuticos,

ainda que incompletos e insuficientes, que o protagonista do romance de Laub usa para tentar entender sua tragédia pessoal, (...) a tragédia individual, lida pela lente das catástrofes coletivas, por sua vez aponta um horizonte social em crise – tanto nacionalmente, como em âmbito global. (LEHNEN, 2015, p. 99)

Com base numa hipótese da “alienação” como justificativa propulsora do suicídio de Valéria e para o comportamento do protagonista, Lehnen lê as tragédias pelas lentes do próprio personagem “em crise”.

Ainda que o tópico contenha em seu título uma interrogação, estamos longe de alcançar qualquer resposta. Por mais que aceitemos a interpretação ético-política proposta por Dias, ou mesmo enxerguemos (com certos distanciamentos) a relação entre as tragédias reais e fictícias propostas por Lehnen, nosso objetivo não é encontrar a justificativa para aqueles que sobrevivem e aqueles que optam por não continuar. O que prioriza esta análise é justamente a impossibilidade de resposta concreta: não encontraremos a célula que transmitia a mensagem suicida aos lemingues, ou mesmo aquela que alimentou a esperança e a fé de Immaculée. E talvez resida justamente aí, neste entre-lugar entre o viver, morrer e o sobre-viver, a grandeza das obras de Michel Laub.

“ESTAMOS VIVOS PORQUE QUEREMOS VIVER”

Entre aqueles noventa dias no banheiro, Ilibagiza foi atormentada pela culpa por querer sobreviver enquanto milhares morriam. O mesmo “Satanás” que a induzia a desistir, apontava seu instinto como característica egoísta do ser humano:

Bebês foram cortados ao meio diante dos olhos de suas mães, os não nascidos arrancados de seus ventres... e você acha que deve ser poupada? Essas mães rogaram a Deus que poupasse seus filhos, mas Ele as ignorou – por que salvaria você, se bebês inocentes são assassinados? (ILIBAGIZA, 2012, p. 80-81; grifos do autor.)

É muito mais fácil vermos na atitude de Kurt Cobain um reflexo egoísta de um ser em angústia, que pensou apenas em si mesmo e na sua dor. Contudo, a sobrevivência também permite sequelas semelhantes: o que me diferencia do outro que morre do lado de fora destas paredes? Por que eu devo viver, enquanto outros milhares imploram pela vida?

O suicida é aquele que opta por não mais viver, pois a vida se tornou insuportável. Aqueles pertencentes a períodos genocidas, ou a massacres, vivem uma “morte em vida”, viver é estar cada vez mais perto da morte: condições precárias, torturas, mortes de familiares. Sobreviver, em ambos os casos, é um tormento dia após dia. Contudo, Ilibagiza, e milhares de outros sobreviventes, lutaram até o fim para continuar vivos. Outros tantos, também, diante da calamidade que os aprisionava, morreram pelas próprias mãos em um ato de “liberdade”. Veremos, a partir de agora, como a experiência de um genocídio influencia, ou não, casos de suicídio.

Alfred Alvarez, em *O Deus Selvagem: um estudo do suicídio* (1971), inicia o percurso histórico do autoaniquilamento a partir da origem da palavra suicídio. Ainda que o ato já acontecesse muito antes de uma definição de dicionário⁸, sua descrição estava, na maioria dos casos, ligada à ideia de assassinato: “usavam-se as expressões como ‘*self-murder*’ [auto-assassinato], ‘*self-destruction*’ [autodestruição], ‘*self-killing*’ [auto-homicídio], ‘*self-slaughter*’ [automassacre]” (ALVAREZ, 1999, p. 64). Falávamos de genocídios, que têm como premissa o assassinato numeroso de pessoas, e vemos que o suicídio foi, e continua sendo, definido como um assassinato de si. A ligação entre os termos se torna mais próxima quando analisamos casos de suicídios durante grandes massacres da história, por exemplo:

⁸ De acordo com o autor, a primeira utilização do termo foi encontrada na *Religio Medici*, de Sir Thomas Browne, escrita em 1635 e publicada em 1642 (ALVAREZ, 1999, p. 64).

centenas de judeus preferiram se matar em Massada a render-se às legiões romanas. De forma ainda mais extrema, a história da conquista espanhola no Novo Mundo é a história de um genocídio deliberado que teve a colaboração dos próprios habitantes nativos. O tratamento que recebiam nas mãos dos espanhóis era de tal forma cruel que os índios se matavam aos milhares para não ter de passar por aquilo. Dos quarenta nativos do golfo do México que foram levados para trabalhar numa mina do imperador Carlos V, trinta e nove se mataram de fome. Um carregamento inteiro de escravos conseguiu se estrangular no porão de um galeão espanhol, apesar de o pesado lastro de pedras limitar o espaço do porão de tal forma que eles tiveram de ficar ajoelhados ou agachados para poderem se enforcar. Segundo o historiador espanhol Girolamo Benzoni, 4 mil homens e inúmeras crianças morreram nas Índias Ocidentais pulando de penhascos ou matando-se uns aos outros. (ALVAREZ, 1999, p. 69-70)

Parece, dessa forma, que é preferível assassinar a si mesmo do que ser morto pelo outro (ou Outro). Para tentar frear o número de suicidas e falta de mão-de-obra que isso ocasionava, os espanhóis disseram aos índios “que eles próprios também iriam se matar só para persegui-los no outro mundo com crueldades ainda piores” (ALVAREZ, 1999, p. 70). Nem mesmo a morte os libertaria da colonização.

O que Laub propõe ao aproximar Ilibagiza e Kurt é questionar: se a situação estava tão desoladora, por que Immaculée não se matou? Se era tão famoso, com boas condições, por que Kurt Cobain não quis dar mais uma chance à vida? Qual é o elo que os interliga em decisões tão opostas? A dúvida assola o protagonista, que em vão busca elencar hipóteses: “um gene defeituoso que de tempos em tempos faz o cérebro se voltar contra si mesmo”; “fatores ambientais”; “uma desilusão amorosa simples”; “o exemplo de um ídolo ou de uma pessoa próxima” (LAUB, 2013, p. 74-75).

A atitude de Immaculée, contudo, não é uma exceção à regra⁹. A luta pela vida é fator recorrente entre períodos conturbados da história. A literatura de

⁹ Um estudo realizado em 2015 acerca dos casos de suicídio em Ruanda e sua relação com o genocídio de 1994 apontou que: “ser um sobrevivente, tendo sido fisicamente ou sexualmente abusado durante o genocídio, e tendo perdido familiares de primeiro-grau para o genocídio, não são fatores significativamente associados ao suicídio” (RUBANZANA et al., 2015, p. 117, tradução nossa) [“being a survivor, having been physically or sexually abused during the genocide, and having lost a first-degree family member to genocide were not significantly associated with suicide”]. Em contrapartida, o maior número de casos paira entre aqueles considerados culpados pela morte de outro (no caso, os hütus). O estudo compara o genocídio em Ruanda com a *Shoah* e o número crescente de suicidas entre os sobreviventes. O baixo número de suicídios em Ruanda pode ter duas explicações possíveis, de acordo com os autores: “Primeiro, após o

testemunho, por exemplo, origina-se da sobrevivência¹⁰. Errôneo é pensarmos a sobrevivência como um ato de coragem, enquanto o suicídio como uma covardia, uma fraqueza, daqueles que não foram capazes de continuar. O período de escravização, por exemplo, contabilizou poucos suicídios (seja pela urgência em sobreviver, seja pelos impedimentos impostos pelos próprios colonizadores); mas não há como julgarmos aqueles que se mataram como mais fracos em comparação aos que aceitaram sua condição até os últimos dias. Para Mbembe (2018, p. 29), “a vida de um escravo, em muitos aspectos, é uma forma de morte-em-vida”. Entre os escravizados ocorre uma tripla perda:

perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda do estatuto político. Essa tripla perda equivale a uma dominação absoluta, uma alienação de nascença e *uma morte social (que é expulsão fora da humanidade)*. (MBEMBE, 2018, p. 27, grifos nossos)

Numa discussão próxima à de Mbembe, Grada Kilomba (2008) dedica um pequeno capítulo de *Memórias da plantação* para discutir o suicídio de mulheres negras e seu vínculo com o racismo cotidiano. De acordo com a autora, “dentro do racismo, o suicídio é quase a visualização, a performance da condição do *sujeito negro* em uma sociedade *branca*: na qual o *sujeito negro* é invisível. Essa invisibilidade é performada através da realização do suicídio” (KILOMBA, 2019, p. 188. Grifos do autor). Possivelmente uma das visões do autoaniquilamento mais polêmicas já propostas, Kilomba vê no ato uma confirmação do sujeito:

genocídio, o governo de Ruanda implementou vários programas sociais designados para melhorar a situação socioeconômica dos sobreviventes. (...) Uma segunda explicação é a tendência do sobrevivente, que postula ser mais razoável presumir que os sobreviventes do genocídio com maior propensão ao suicídio morreram nos meses e anos logo após 1994. O resultado seria que a maior população de sobreviventes do genocídio é, de fato, mais resistente ao suicídio do que outros grupos (RUBANZANA et al., 2015, p. 199, 121, tradução nossa) [“First, following the genocide the Rwandan government implemented a number of social programmes designed to improve the socioeconomic situation of genocide survivors. (...) A second explanation is survivor bias, which postulates that it is reasonable to presume genocide survivors with the highest propensity for suicide died in the months and years directly following 1994. The result would be that the current population of genocide survivors is, in fact, more resistant to suicide than other groups”].

¹⁰ É válido ressaltar, também, que muitos daqueles que testemunharam suas experiências, contabilizaram, tardiamente, como suicidas ou tiveram experiências suicidas. Roméo Dallaire, por exemplo, escreveu *Shake hands with the devil: the failure of humanity in Rwanda* (2005), contando sua experiência enquanto militar durante o genocídio. O autor justifica os anos que distanciam o genocídio da publicação devido a problemas psicológicos. Assim que retornou de Ruanda, não conseguiu escrever e teve crises depressivas, inclusive com tentativas de suicídio, ao tentar rememorar os fatos.

AMARAL, Lara Oliveira. Genocídio e suicídio em Michel Laub. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 1 (2021), p. 148-171.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 ago. 2021.

Nesse sentido, o suicídio pode também emergir como um ato de tornar-se *sujeito*. Decidir não mais viver sob as condições do senhor *branco* é uma performance final, na qual o *sujeito negro* reivindica sua subjetividade. No contexto da escravização, comunidades *negras* eram punidas coletivamente toda vez que uma/um de suas ou seus integrantes tentava ou cometia suicídio. Essa realidade brutal enfatiza a função subversiva do suicídio dentro das dinâmicas da opressão racial. A punição à comunidade escravizada revela, certamente, o interesse dos senhores *brancos* em não perder “propriedades”, mas, acima de tudo, revela um interesse em impedir que as/os escravizadas/os africanas/os se tornem *sujeitos*. O suicídio é, em última instância, uma performance de autonomia, pois somente um *sujeito* pode decidir sobre sua própria vida ou determinar sua existência. (KILOMBA, 2019, p. 189. Grifos do autor)

Ao matar a si mesmo, o escravizado contradiz as perdas impostas: do lar, do estatuto político e, principalmente, reconquistaria para si o direito do próprio corpo. Se o escravizado já vive uma “morte-em-vida”, conforme bem define Mbembe, é um “morto socialmente”, o suicídio atua como uma realização em vida através da morte. Considerados mercadorias, objetos de uso para seus senhores, o suicídio torna-se, assim como apontavam os espanhóis com relação aos índios, uma falha a ser punida. A punição dos escravizados suicidas que ressalta Kilomba já era discutida por Alvarez através dos romanos e do código Justiniano, que via o escravizado como um “investimento de capital” e por isso com “garantia contra defeitos” (deficiências físicas, natureza suicida ou criminosa): “caso se matasse, ou tentasse se matar, até seis meses depois de ter sido comprado, o escravo podia ser devolvido – vivo ou morto – ao seu antigo senhor, e a transação era declarada inválida” (ALVAREZ, 1999, p. 76).

Em proporções semelhantes, a *Shoah* e a experiência dentro dos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial também consideravam seus prisioneiros como escravos: sem direito a um lar, a um estatuto político ou mesmo ao próprio corpo, a morte era-lhes um destino previamente traçado no momento em que chegavam aos campos de trabalho. O suicídio dos sobreviventes é visto até hoje como uma incógnita, um ato que contradiz a experiência passada: por que cometer suicídio após tanto lutar para sobreviver? O contrário é tão irresolvível quanto: por que lutar para sobreviver enquanto seria tão mais fácil desistir?

Num impasse semelhante, o protagonista de Laub mescla os momentos finais dos protagonistas e os coloca em debate:

Eu fico imaginando o que Immaculée Ilibagiza acha de alguém como Kurt Cobain. Depois de conversarmos em São Paulo eu cheguei a pensar nisto, uma entrevista em que ela comentasse cada frase do bilhete de despedida dele. *Existe o bom em todos nós e acho que simplesmente amo demais as pessoas*: a senhora se solidariza com o drama do autor desta frase? *Às vezes sinto como se devesse bater o cartão de ponto ao subir no palco*: a senhora concorda que se trata de um fardo excessivo para o autor? *O pior crime que posso imaginar seria enganar as pessoas, sendo falso e fingindo que estou me divertindo cem por cento*: o que a senhora acha de o autor ter escrito este trecho um dia antes de a guerra começar em Ruanda? (LAUB, 2013, p. 101. Grifos do autor)

A violência que ecoa dos recortes entre a carta de despedida de Kurt Cobain e as possíveis questões a Immaculée atinge o leitor que, erroneamente, talvez veja nesse trecho um “desmerecimento” do suicídio e uma hipervalorização da sobrevivência. Pelo contrário, ao colocar lado a lado as experiências, pretende justamente evidenciar a “vida-em-morte” em ambos os casos a partir da ferida de cada um. Até porque, vale ressaltar, a mesma estrutura é retomada quando o protagonista coloca as palavras de Ilibagiza para Valéria, sua namorada suicida: “*Eu era a prova viva que tem o pensamento positivo*: essa frase soa ingênua para você, Valéria? *Fui poupada para poder mostrar ao maior número de pessoas a Sua misericórdia*: você considera cafona essa passagem, Valéria?” (LAUB, 2013, p. 102. Grifos do autor).

E se invertêssemos os papéis, e a sobrevivente cometesse suicídio e o suicida fosse “dar uma lição aguada de breguice numa palestra dirigida a freiras e carolas” (LAUB, 2013, p. 102): “Immaculée apelando para uma causa romântica e não à própria desistência, Kurt Cobain pregando a solidariedade por meio de uma prosa vizinha da autoajuda, a história poderia ser outra?” (LAUB, 2013, p. 89-90); como ficaria a relação coragem e covardia que ecoa entre sobreviver e suicidar-se? Immaculée seria, ainda, um exemplo a seguir seguindo? Teria, desse modo, se tornado um *sujeito* livre? Em contrapartida, Kurt Cobain lotaria salões de igrejas e agradeceria aos seus fiéis pela força em seguir em frente? Immaculée talvez não fosse mais do que um número a ser contabilizado. Kurt talvez perdesse inúmeros fãs e se desvinculasse da tradição da música *grunge*, alterando a história. Michel Laub traça os fatos em linhas tortas, vez ou outra cruza um caminho ao outro, mas não é capaz de alterar o que se foi.

A ideia é justamente caminhar entre os nós e esperar não cair.

EM DIREÇÃO À QUEDA

Três personagens sem nome, três quedas: avô-Auschwitz; pai-Alzheimer; filho-alcoolismo. *Diário da queda* é apresentado pela perspectiva do filho-neto em retrospectiva. Com estruturas narrativas muito semelhantes, *Diário da queda* e *A maçã envenenada* são compostos por pequenos fragmentos de textos, divididos em poucos capítulos. Assim como vamos, lentamente, construindo a tensão entre o protagonista e seu relacionamento com Valéria no primeiro romance, neste, sabemos da queda proposital de João (o colega do protagonista) e do suicídio do avô a partir do desenvolvimento da trama.

A primeira menção ao avô dá alguns indícios de sua(s) tragédia(s):

Meu avô morreu quando meu pai tinha catorze anos. A imagem que tenho dele é a de meia dúzia de fotografias, ele sempre com a mesma roupa, o mesmo terno escuro e o cabelo, a barba, e não tenho ideia de como era a voz dele, e os dentes eu não sei se eram brancos porque ele nunca apareceu sorrindo. (LAUB, 2011, p. 13)

Outras pistas, discretas, são reveladas no decorrer da narrativa: “Em todas as fotos o meu avô está de terno e não dá para ver o número de Auschwitz” (LAUB, 2011, p. 56). O que se sabe a partir de então: a) o avô era um judeu sobrevivente de um dos campos de concentração mais terríveis; b) ele escondia seu passado. O narrador descobre muito do avô através do pai, que buscou outros meios para conhecer a história de sua família, já que nada era relevado pelo avô – sempre trancado em seu escritório, escrevendo seus cadernos¹¹. Assim como Immaculée, e outros diversos presos em campos de concentração, o avô perdeu toda a sua família com o genocídio: “quantos vizinhos, quantos colegas de trabalho, quantas pessoas que estariam mais ou menos próximas se ele não tivesse sido o único a sobreviver e embarcar para o Brasil e passar o resto da vida sem dizer o nome de nenhuma delas” (LAUB, 2011, p. 99).

Refugiado no Brasil, o avô se casa e tem um filho (o pai). Quando o filho estava com catorze anos, em uma manhã de domingo qualquer, escuta o estampido do tiro no escritório do pai. A cena é construída por Laub de forma esteticamente brilhante e desoladora, por isso, pedimos a licença para transcrevê-la por completo:

¹¹ Os cadernos do avô poderiam ser entendidos como um exemplo controverso de “literatura de testemunho”, pois ele reconta vários momentos de sua vida através de uma linguagem pseudocientífica e distante de si mesmo, o que vai ao revés do esperado de um diário, ou mesmo de um testemunho.

Uma história que termina e começa com meu pai saindo assustado do quarto, e o quarto dele era ao lado do quarto da minha avó, e não sei se a minha avó estava dormindo ou se tinha acordado também, minha avó sozinha na cama e agora os dois sabem que é preciso seguir adiante, passo a passo pelo corredor, o silêncio da casa e do mundo num domingo de manhã em que o único acontecimento foi aquele estampido, um som que o meu pai nunca mais deixou de ouvir, que estava nas entrelinhas de todas as conversas sobre o meu avô, todas as vezes em que meu pai pronunciou esta palavra, o som seco do estampido em cada sílaba desta palavra, *Auschwitz*, meu pai caminhando até chegar à porta do escritório, e é claro que ela estava trancada, porque até isso o meu avô se encarregou de fazer, dificultar que alguém a abrisse porque assim ganharia um minuto ou cinco ou dez ou meia hora até que achassem um jeito de forçar a fechadura ou dar chutes na madeira e a cada chute o meu pai como que sabia o que iria encontrar do outro lado, porque ele tinha batido na porta e chamado o meu avô e gritado muitas vezes e não era possível que meu avô estivesse dormindo ou simplesmente esperando que a porta fosse arrombada, e não era possível que o estampido seco (*Auschwitz*) vindo do escritório (*Auschwitz*) onde meu pai afinal entrou (*Auschwitz*) depois de usar um pé de cabra (*Auschwitz*) não fosse exatamente o que meu pai imaginava (*Auschwitz*), aquilo que ele confirmou ao enxergar pela brecha da porta os cabelos brancos do meu avô e a cabeça dele caída junto com os braços e o tronco e o corpo inteiro sobre a escrivaninha. (LAUB, 2011, p. 103-104)

O estampido da palavra *Auschwitz* reside na bala. A união exata entre suicídio e genocídio performado por um único personagem de Laub, em um trecho esteticamente elaborado a fim de ilustrar o que foi o momento final e a influência do que era o passado do avô. Quanto mais próximo do corpo suicida, mais vezes a palavra *Auschwitz* é repetida entre parênteses: a marca do genocídio no suicida.

Enquanto Immaculée percorre o mundo contando a sua experiência, desenhando o tamanho do banheiro, refazendo os movimentos apertados entre as demais mulheres naquele cubículo mínimo e aproveitando cada detalhe para salientar sua fé e esperança em viver; o avô se enclausura num escritório, com medidas talvez semelhantes à do banheiro, preso entre as lembranças dos vários corpos que assistiu morrer ao seu lado, repetindo os movimentos finais de cada um, mas nem mesmo em seu diário permite recontar o seu passado. Há duas representações extremas do sobrevivente em Laub: aquele que tira proveito do

trauma como uma experiência de renascimento (muitas vezes a religião é um influente); e aquele que permanece preso em si mesmo, alimentando-se do silêncio. Não deixemos de lado, contudo, Primo Levi. Ainda que não fizesse palestras de força e renovação, sua carreira literária ficou marcada pelo testemunho da *Shoah*, e, mesmo assim, anos mais tarde, cometeu suicídio.

O autor italiano não é o único. Muitos sobreviventes dos campos de concentração cometeram suicídio anos após o final da Segunda Guerra Mundial. O número de suicidas durante o período de prisão, contudo, é baixíssimo. “Na verdade, a privação pode ser um estímulo”, ressalta Alvarez, e exemplifica com a história do escritor russo Andrei Amalrik, que

foi exilado numa remota fazenda coletiva da Sibéria, onde conseguiu, apesar de sofrer do coração, sobreviver ao mortificante trabalho braçal (...), subsistindo com uma dieta de batatas e leite, acendendo o fogo apenas três vezes por dia para cozinhar. (ALVAREZ, 1999, p. 108-109)

Por fim, conclui: “Em resumo, dado um certo tipo de temperamento, a adversidade pode aguçar o espírito e aumentar a ânsia de sobrevivência, como se a pessoa fosse levada por uma espécie de pirraça” (ALVAREZ, 1999, p. 109). Dessa mesma “pirraça” talvez tenha se valido Immaculée, que, assim como Amalrik, tirou da desgraça forças para seguir em frente.

Assim como Mbembe e Kilomba, Alvarez ressalta o fragmento de liberdade de que se valeram aqueles que cometeram suicídio: “esse é um ato político, um gesto tanto de desafio quanto de condenação ao sistema” (ALVAREZ, 1999, p. 242-243). Torna-se, desse modo, um “ato de afirmação”: ao valorizar suas verdades, e incapaz de resistir aos tormentos do presente, o autoaniquilamento, como propunha Kilomba, o reafirma enquanto sujeito. Para o artista, o suicídio é a última obra-de-arte dada pelo Estado totalitário (ALVAREZ, 1999, p. 242-243), justamente por ser uma espécie de “resposta” à experiência indizível e irrepresentável à qual estava exposto. Talvez resida justamente aí, na incomunicabilidade do trauma, a justificativa para o silêncio (e suicídio) do avô.

VAMOS CHAMÁ-LOS ASSIM: OS LEMINGUES OU OS ARUNDES¹²

Primo Levi ainda era vivo quando Alvarez publicou seu livro. Por isso, o exemplo maior de sobrevivente-suicida em *O deus selvagem* é Tadeusz Borowski, ex-prisioneiro de Auschwitz. De acordo com o teórico, em Borowski ocorre um suicídio triplo: a) moral: “mitigou a culpa por ter sobrevivido quando tantos outros haviam sucumbido identificando-se com o mal que descrevia”; b) “abandonou a literatura por completo e mergulhou na política stalinista”; c) em 1951, se matou abrindo o gás de sua casa (cf. ALVAREZ, 1999, p. 244-245). De forma semelhante, poderíamos ver, em Primo Levi, dois dos suicídios elencados por Alvarez: o moral (a culpa por sobreviver), e o final (a queda da escada). Sobre a morte voluntária de Levi, o romancista William Styron, em *Darkness visible* (1989)¹³, descreve o desapontamento de alguns escritores quando souberam do suicídio do autor italiano:

Era como se esse homem que eles tanto admiravam, e que suportou tanto nas mãos dos nazistas – um homem de resiliência e coragem exemplares – tivesse, pelo seu suicídio, demonstrado uma fragilidade, um desmoronamento de caráter que eles relutavam em aceitar. (STYRON, 1992, p. 32-33, tradução nossa)¹⁴

A resposta de Styron para a matéria do *New York Times*, onde viu tais comentários acerca de Levi, teve como enfoque a depressão e a “reprovação” que recaí diante daqueles que “não conseguiram se recuperar”:

a maior parte das pessoas sobrevive à depressão, o que pode ser sua única benção; mas para a trágica legião daqueles compelidos a se autodestruir, não

¹² “Os arundes, disse, atribuíam pouco valor à sobrevivência individual e nenhuma à nacional. Desde a infância, cada um deles era educado a estimar a vida exclusivamente em termos de prazer e dor, avaliando-se naturalmente, no cômputo final, os prazeres e as dores provocados no próximo pelo comportamento de cada um. Quando, segundo o julgamento de cada indivíduo, a balança tendia a estabilizar-se negativamente, ou seja, quando o cidadão considerava que sofria e produzia mais dor que alegria, era convidado a uma discussão aberta perante o conselho dos anciãos, e se o seu julgamento fosse confirmado, a conclusão era encorajada e agilizada” (LEVI, 2005, p. 157).

¹³ William Styron foi um escritor estadunidense. Um dos seus romances mais famosos, que mais tarde tornou-se filme, é *Sophie’s Choice* (1979). O livro mencionado no presente artigo, *Darkness visible*, relata a sua relação com a depressão.

¹⁴ Original: “It was as if this man whom they had all so greatly admired, and who had endured so much at the hands of the Nazis – a man of exemplary resilience and courage – had by his suicide demonstrated a frailty, a crumbling of character they were loath to accept”.

deveria haver mais reprovação do que há para as vítimas de câncer terminal. (STYRON, 1992, p. 33, tradução nossa)¹⁵

Não queremos aqui diagnosticar Levi, muito menos o personagem de Laub, mas sim evidenciar que, independente do histórico pessoal de cada um, o suicídio não deve ser visto como uma “falha”, ou “falta”, cometida. Até mesmo porque, conforme aponta Styron ao comparar a depressão e o ato suicida, não é possível definir as causas ou mesmo encontrar uma “origem”:

Claramente, muitos componentes estão envolvidos – talvez três ou quatro, provavelmente mais, em permutações insondáveis. É por isso que a maior falácia sobre suicídio reside na crença de que há uma única resposta imediata – ou talvez uma combinação de respostas – sobre porque a ação foi feita. (STYRON, 1992, p. 38-39, tradução nossa)¹⁶

A primeira lição ao iniciar os estudos sobre suicídio talvez seja essa: não é possível definir o que leva, ou não, uma pessoa a cometer suicídio. Não podemos diagnosticar Kurt Cobain e dar o veredito que justifique o apertar do gatilho. Muito menos saberemos exatamente o que se passava com o avô antes de, também, escolher o revólver como seu fim. Contudo, é inevitável que aqueles que “sobreviveram” à perda arquitetem hipóteses e motivos possíveis em tentativas (vãs) de encontrar uma resposta:

Desculpem se repito que Auschwitz ajuda a justificar o que meu avô fez. Se é mais fácil culpar Auschwitz do que aceitar o que meu avô fez. Se é mais cômodo continuar listando os horrores de Auschwitz, e tenho a impressão de que todos estão um pouco cansados disso, o número de sobreviventes de Auschwitz que acabaram exatamente como Primo Levi e o meu avô, e uma vez li uma longa reportagem a respeito, alguém no México, alguém na Suíça, no Canadá, na África do Sul e em Israel, uma irmandade de senhores de noventa anos que viviam sozinhos num quarto de pensão, uma epidemia de senhores de noventa anos numa cidade e num país e num mundo onde não conheciam ninguém e ninguém mais se lembrava de nada, e desculpem se pensar nisso é mais simples do que

¹⁵ Original: “most people survive depression, which may be its only blessing; but to the tragic legion who are compelled to destroy themselves there should be no more reproof attached than to the victims of terminal cancer”.

¹⁶ Original: “Plainly, multiple components are involved – perhaps three or four, most probably more, in fathomless permutations. That is why the greatest fallacy about suicide lies in the belief that there is a single immediate answer – or perhaps combine answers – as to why the deed was done”.

se entregar a um exercício óbvio: imaginar que meu avô fez o que fez não só por causa de Primo Levi e desses senhores, por ser como Primo Levi e esses senhores, por não ter como escapar de um fim como o deles, mas por um motivo que tinha a estreita ligação com o meu pai. (LAUB, 2011, p. 117-118)

Quase em um diálogo imaginário com o leitor, o personagem de Laub tenta justificar a sua busca incessante em “encontrar culpados” pela morte do avô. Ele precisa ver em Auschwitz uma resposta para o suicídio, pois é menos doloroso do que pensar que, independente do passado traumático, o avô seguiria o mesmo caminho; que o ato tivesse qualquer relação com seu filho, pai do protagonista. A mesma questão é levantada por Laub em *A maçã envenenada* quando indaga se Kurt Cobain pensou na filha, e no que ela poderia pensar quando crescesse, se a filha se sentiria culpada de alguma forma, antes de ele apertar o gatilho (LAUB, 2013, p. 89-90).

O mais próximo que conseguimos chegar de uma “resposta”, um “motivo” ou “justificativa” é resumida por Alvarez em uma sentença simples: “um homem morre por suas próprias mãos porque crê que a vida que tem não vale a pena ser vivida” (ALVAREZ, 1999, p. 69), e isso deve nos bastar (ainda que não acalente, que não preencha qualquer sentimento de culpa que ecoa nos que ficaram). Por isso, quando tentamos interpretar, mesmo que ficcionalmente, o suicídio, acabamos diante de um mistério que não nos cabe. É mais fácil considerar o suicídio uma “metáfora *par excellence* da postura alienada simbolizada por Cobain, Valéria e pelo protagonista-narrador”, uma representação de “uma forma exacerbada de egotismo”, ou mesmo um “vazio da coletividade” (LEHNEN, 2015, p. 107-108). Ou ver em Kurt um ato egoísta, em Immaculée um ato de coragem, e no avô um simples “cansaço” de uma vida em trauma. O suicídio é o limite: da angústia, do trauma, da interpretação. Afirmar qualquer razão é superinterpretar um ato que vai além do texto ou do contexto envolvidos.

O POENTE

Walter encontra a “substância faltante” que fazia com que os lemingues se encaminhassem em direção à queda suicida. Foi chamada de “fator L”, e era administrada por via oral em pacientes que a haviam perdido devido a doenças ou traumas. Devido à impossibilidade de medicar todos os lemingues da região, Walter decide usar um nebulizador, assim todos os animais receberiam indiretamente o composto e seriam salvos do fim trágico. Os lemingues que

inalaram a substância, contudo, começaram a se sentir indecisos, não sabiam se seguiam em direção ao poente ou retornavam. E nesse entre-caminho, entre o ir e o vir, Anna viu “corpos inquietos sobrepor-se à primeira [fila], e uma terceira à segunda, de modo que a massa borbulhante atingiu a cintura de Walter” (LEVI, 2005, p. 159). Walter, em um pedido de ajuda não entendido por Anna, caiu e foi arrastado, “coberto e mais uma vez arrastado, visível a intervalos como um volume sob o rio das pequenas e inumeráveis criaturas desesperadas, que corriam para a morte, a morte deles e a de Walter, rumo ao pântano e ao mar próximo” (LEVI, 2005, p. 159).

Poucas semanas antes de morrer, Walter enviara a substância para a tribo dos arundes, a fim de amenizar a alta taxa de suicídios entre o povo amazônico. No mesmo dia de sua morte, o pacote retorna, intocado, com uma mensagem endereçada a Walter e “demais sábios do mundo civil”:

“O povo de Arunde, em breve não mais povo, vos saúda e agradece. Não queremos ofender-vos, mas reenviamos vosso medicamento de modo que ele seja proveitoso aos que entre vós dele necessitarem: nós preferimos a liberdade à droga, e a morte à ilusão”. (LEVI, 2005, p. 159)

O conto de Levi finaliza com a mensagem do povo amazônico recusando qualquer droga, escolhendo a morte ao invés da ilusão de qualquer medicamento. A morte trágica de Walter, ao tentar mudar o curso da história dos lemingues, reforça os julgamentos, senso comum ou tabus envolvidos na sobrevivência: até que ponto a sobrevivência dos lemingues lhes seria uma glória? Por que ver, em seu suicídio, uma tragédia a ser remediada cientificamente? Das mesmas questões parte Michel Laub ao articular os dois romances analisados neste trabalho, o diálogo entre tragédias históricas (genocídios e suicídios) e ficção. Mas, diferentemente de Walter, Laub não busca encontrar a “substância L” que “faltava” em Kurt Cobain ou no avô; ou, ao contrário, replicar qualquer célula de sobrevivência que “sobressaia” em Immaculée Ilibagiza, para, ao final, “salvar” a população mundial.

O efeito é justamente o contrário. Saímos das duas leituras inquietos, cansados, com o gosto amargo de um remédio placebo a irritar a boca. Porque a literatura, se está para a medicina, deve ser vista como um placebo, uma pastilha qualquer de farmácia sem receita. Ela não altera o curso da história, o massacre de Ruanda dizimou centenas de milhares de africanos; Kurt Cobain estourou a cabeça em 1994; a *Shoah* destruiu fisicamente, e mentalmente, números incontáveis de homens e mulheres; Primo Levi cometeu suicídio e talvez o avô seja apenas um espelho de muitos outros. Por isso, o objetivo deste trabalho reside no incômodo que resta, no diálogo possível que nunca cessa, na história que, apesar de ficção, guarda a violência da realidade.

Ao falarmos de arte e morte, literatura e suicídio, devemos entender que é necessário uma resistência. E, para Alvarez:

A verdadeira resistência que existe hoje é uma arte que força o público a reconhecer e aceitar em seu imaginário – em suas terminações nervosas – não os fatos da vida, mas os fatos da morte e da violência: absurdos, aleatórios, gratuitos, sem justificativa e inescapavelmente imiscuídos da sociedade que nós criamos. (ALVAREZ, 1999, p. 253)

Devemos preferir a liberdade a qualquer droga que traga a saciedade de uma pergunta sem resposta; a morte, como fenômeno pertencente a tudo que vive, à ilusão de uma análise baseada em conceitos frágeis e movediços.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, A. *O deus selvagem*: um estudo do suicídio. Trad. Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ANJOS, M. dos. A representação das sobras. *Revista Cult*. São Paulo, n. 197, dez. 2014, p. 1-5.

DIAS, F. L. Políticas da ficção, da memória e do imaginário: uma leitura da tragédia de Ruanda em *A maçã envenenada*, de Michel Laub, e na instalação artística Untitled (*Newsweek*), de Alfredo Jaar. In: *Revista Estação Literária*, v. 23, jun. 2019, p. 36-48.

FERNANDES, B. Para onde aponta o nariz: paradigmas de pertencimento na Ruanda de Scholastique Mukasonga. *Revista Antares: Letras e Humanidades*. Caxias do Sul, v. 10, n. 21, set./dez. 2018, p. 134-153. Acesso em: nov./2020.

ILIBAGIZA, I. *Sobrevivi para contar*: o poder da fé me salvou de um massacre. Trad. Sonia Sant'Anna. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAUB, M. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LAUB, M. *A maçã envenenada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEHNEN, L. O fruto do desencanto: suicídio e alienação em *A maçã envenenada*, de Michel Laub. In: *Veredas: Revista da Associação Interacional Lusitanistas*, n. 24, jul./dez. 2015, p. 99-119.

LEVI, P. *71 contos de Primo Levi*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

AMARAL, Lara Oliveira. Genocídio e suicídio em Michel Laub. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 1 (2021), p. 148-171.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 07 ago. 2021.

MBEMBE, A. *Sair da grande noite*. Trad. Narrativa Traçada. Angola: Edições Mulemba, 2014.

MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RUBANZANA, W; HEDT-GAUTHIER, BL; NTAGANIRA, J; FREEMAN, M. D. Exposure to genocide and risk of suicide in Rwanda: a population-based case-control study. *J Epidemiol Community Health*, 69, 2015, p. 117-122.

STYRON, W. *Darkness Visible: A Memoir of Madness*. New York: Vintage, 1992.

VEIGA, M. MORAES, F. Onde está Ruanda no mapaw Decolonialidade, subjetividade e o racismo epistêmico do jornalismo. In: *Anais do XXIX Encontro Anual da Compós*. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Junho de 202, p. 1-21.

LARA LUIZA OLIVEIRA AMARAL é mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e especialista pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), também em literatura. Atualmente é doutoranda (bolsista CAPES) em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), desenvolvendo pesquisas sobre diários de escritoras suicidas. Dentre suas publicações estão artigos em periódicos acerca do diálogo entre literatura, memória e suicídio, além da organização do livro *Literatura & Suicídio* (2019) e os capítulos “A desgraça é variada: o suicídio nas narrativas fantásticas” e “A arte de morrer: a poética do suicídio em Sylvia Plath”.